

JORNAL DE IDÉIAS

Ano I - Nº 21

Para ler e refletir

Recife, 1º a 15 de abril de 2008 – R\$ 0,50

**Neste número,
as idéias de:**

Antônio Portela
Acabou-se o futebol
Página 3

Carlos Garcia
Um novo quererismo
Página 7

Edson Arruda Câmara
Mudou... ou mudamos nós!
Página 8

Gentil Porto
O inferno é aqui
Página 4

Geórgia Alves
Pela preservação do “eu”
Página 5

José Cláudio
*Nem casa-grande
nem senzala*
Página 2

José Teles
Quem quiser, que fume
Página 2

Juracy Andrade
*Duas faces do fenômeno
Lula – lá e cá*
Página 1

Marcelo Alcoforado
Priapesco Brasil
Página 3

Marcelo Mário de Melo
*1964: golpe também
na poesia*
Página 7

Olbiano Silveira
*Vamos combater
os xenófilos?*
Página 6

Pedro Eugênio
*Sobre saqueadores
e como combatê-los*
Página 8

Sérgio Augusto Silveira
*Os patrões nunca tiveram
um presidente tão aliado*
Página 5

Walter Silva
Barbárie é isso mesmo?
Página 3

Duas faces do fenômeno Lula – lá e cá

JURACY ANDRADE

Jornalista

Por mais que alguém discorde do presidente Lula, é preciso admitir que algumas coisas estão mudando para melhor no Brasil. Por um lado, ele assimilou o modo brasileiro de fazer política suja, com alianças eticamente absurdas e deixando correr a corrupção. É capaz de fazer rasgados elogios a políticos do naipe de Renan Calheiros e Severino Cavalcanti, como fez há pouco aqui em Pernambuco numa maratona de inaugurações e lançamentos de obras públicas. Por outro lado, ele leva adiante uma política de compensações sociais que o coloca no cocuruto das pesquisas de opinião, e também desenvolve uma política externa que vai tirando o nosso país do tradicional amém a Washington. Eu o comparo, sob certos aspectos, a Getúlio Vargas, que foi capaz de entregar Olga Benario aos nazistas, mas também de viver e morrer por um projeto de país com a necessária autonomia.

Quanto às compensações sociais, temos de reconhecer que se trata de um procedimento emergencial. Mesmo que a Bolsa-Família exija a contrapartida da frequência dos filhos à escola, ela corre o risco de acomodar o beneficiário (muitos deixam de procurar emprego). Ela pode virar uma esmola institucional e, conforme cantava Luiz Gonzaga, a esmola “mata de vergonha ou vicia o cidadão”. É preciso ir mais além, criando empregos, riqueza.

No capítulo da política externa, cabem algumas considerações. Ela tentou até o demagogo maluco Jânio Quadros, que se recusou a romper relações com Cuba e, achando pouco, condecorou Che Guevara. Apoiou o nosso falecido governador Moura Cavalcanti (quando ele governava o então território do Amapá) quando reteve no porto de Macapá um

**Eu comparo Lula,
sob certos aspectos, a
Getúlio Vargas,
que foi capaz de
entregar Olga Benario
aos nazistas, mas
também de viver e
morrer por um projeto
de país com a
necessária autonomia.**

navio americano carregado de minério da Serra do Navio, cujo comandante se recusava a, simplesmente, pesar a carga. Jango também não obedeceu ao Pentágono/Departamento de Estado e sabemos o que lhe aconteceu. O terceiro presidente a ensaiar uma política externa independente foi o general Geisel (durante a ditadura militar).

A grande imprensa, submissa às agências de notícias dos países ricos e à velha adesão incondicional ao bondoso Tio Sam, demoniza o novo figurino de líderes sul-americanos, como Hugo Chávez, Rafael Correa, Evo Morales (para ficarmos nos mais controversos), e eu não

estou aqui para bancar o “advogado do diabo”. O certo é que essa nova onda de presidentes está levando os EUA a tentarem retomar sua antiga hegemonia sobre esta região das Américas.

A incursão dos militares colombianos no norte do Equador não poderia ocorrer sem as bênçãos de Bush 2º. Para ele e dona Condoleezza, em nome do combate ao terrorismo, os EUA e aliados podem agir onde lhes aprouver sem respeito a fronteiras. Para a secretária de Estado, “fronteiras não podem servir de abrigo a terroristas”. Conforme diz o professor português Boaventura Santos, a verdadeira ameaça, do ponto de vista estadunidense, não são as Farc e, sim, as forças progressistas, os movimentos populares.

A margem de independência conquistada no governo Lula torna possível que o ministro da Defesa Nelson Jobim, em visita aos EUA, defenda os presidentes da Venezuela e do Equador da acusação americano-colombiana de conivência com as Farc; diga a dona Condoleezza que não se preocupe com a América do Sul; e afirme que os EUA nos ajudam quando ficam longe.

Está faltando cortar a frequência de militares brasileiros à antiga School of the Americas, que funcionava no Panamá e mudou-se para Fort Benning, também conhecida como “escola de assassinos” por ensinar militares latino-americanos a agredir, torturar e massacrar os seus povos. No governo Lula, ainda se enviam militares para lá.

Quem quiser, que fume

JOSÉ TELES

Jornalista

Meus parentes quase todos fumam, e muito. Minha mãe fumava feito uma caipora (nunca vi caipora, portanto pode até ser uma aleivosa minha esta comparação). Depois de mais de 40 anos fumando, a senhora minha genitora resolveu parar, e parou. Meu avô fumava muito, e fumo de rolo, o arapiraca.

Quando lhe faltava o arapiraca, ele pitava um Astória, que era um cigarro forte que nem arrote de jumento depois de tomar uma Coca-cola. Minha bisavó pitava o cigarrinho dela, acho que Continental sem filtro. Já meu bisavô, marido dela, a coisa com ele era cheirar tabaco, ou melhor, rapé. Andava com uma latinha atochada de torrado, como também chamava. Nenhum desses aí teve problemas pulmonares, os que morreram não foi por causa de problemas com o tabaco.

Pois, é com esse povo todo

fumando ao meu redor, eu nunca senti vontade de fumar, tampouco aprendi a não ter nada contra cigarro. Acho que charutos fedem terrivelmente. Mas não me importo que fumem, perto de mim, cachimbo, charuto, cigarro, do legal e do ilegal. Eu apenas não fumo, e sou totalmente contra esta caça às bruxas que vem acontecendo de uns tempos pra cá. Alegam que o cigarro mata no mundo inteiro mais do que o trânsito. Não vou dizer que é mentira, mas também não sou obrigado a acreditar em tudo que vejo escrito, ou que me dizem. Pelo menos eu conheço mais gente morta por carros do que por cigarros.

Esta proibição de beber nos bares, segundo me disseram (não li a lei) deve-se, entre outras coisas, a evitar que o gar-

ção vire um fumante passivo, e morra passivamente de câncer no pulmão. Eu não sei vocês, leitores do Jornal de Idéias, mas eu não tinha idéia do perigo que os garçons corriam, até porque com todo este tempo de bar que tenho (e bota aí pelo menos uns 30 anos), nunca conheci um gar-

Esta proibição de beber nos bares, segundo me disseram (não li a lei) deve-se, entre outras coisas, a evitar que o garção vire um fumante passivo, e morra passivamente de câncer no pulmão.

ção com que tenha batido a caçuleta, assassinado pelo cigarro da freguesia do bar em que trabalhava.

Agora, o que me deixa mais invocado é que estão cerceando a liberdade

do fumante de se matar. Se o governo tem este zelo todo pelo contribuinte, por que permite que os cigarros sejam fabricados? Por que não sugere que as fábricas desse produto feroz e nocivo ao bem-estar comum passem a fabricar pães, ou confeitos? Enfim, algum bregueço que faça

bem à saúde e não ofenda os pulmões do consumidor, ou de quem esteja próximo a ele?

Agora, é ridículo o pessoal estar num bar, sentado numa mesa à calçada, e, quando aperta a vontade de pitar seu Free (ótimo este nome para um troço proibido), levanta-se, e fica a um metro da mesa, só que na rua, para que o dono do bar não seja multado, independente de a fumaça continuar sendo inalada passivamente pelos que permaneceram na mesa, e que continuaram ao alcance desse veneno letal. Por que não se permite bar só para fumantes, inclusive garçons fumantes? Pronto, ficava resolvida a questão. Quem não fuma vai pra bar onde não é permitido cigarro. Já os fumantes vão para o bar onde se fuma até a fumaça virar boné. Quanto a mim, freqüentarei ambos os bares, que o único bar pelo qual passo bem longe é o bar onde não é permitido beber. Acho que não existe este tipo de bar, mas pelo andar da carruagem da intolerância, logo, logo, vai aparecer essa instituição nefanda.

Nem casa-grande nem senzala

JOSÉ CLÁUDIO

Artista plástico e escritor

Eu estava escrevendo a um amigo descendente da nobreza de São Paulo e da daqui. Muitas décadas de amizade. Dizia-lhe que até o fim dos tempos a gente só podia ser dois estranhos, ele descendente da casa-grande e eu da senzala. Mas é pior. Porque a casa-grande sempre tinha um olhar de simpatia pela senzala e eu fiquei no meio, entre a casa-grande e a senzala, entre mas sem entrar nem numa nem noutra, forçado a me fingir ora uma coisa ora outra, sem inspirar confiança em ninguém.

Nem na casa-grande, de que nunca fiz parte, onde serei um eterno "parvenu", nem na senzala, onde também não sentem em minha sereníssima pessoa um sujeito confiável. Por isso

peço desculpas aos meus amigos, tanto da casa-grande quanto da senzala, de ser tão arredio. Pela teoria marxista, em que toda independência será castigada, eu poderia ser arrolado entre o lumpemproletariado, ao lado de ladrões e prostitutas, sem competência nem para uma coisa nem para outra.

Da senzala de fato farei parte entre outros motivos pelo sangue africano. Mas disso, como no que diz respeito ao sangue branco, ignoro tudo. Não sei de onde provim nem quando nem em que medida. Só fazendo exame genético, que revela a proporção de sangue africano ou europeu e não sei se também índio que

corre em nossas veias. Pela genética da pintora Guita Charifker, tenho origem judaica porque "da Silva", classificação que englobaria meio mundo no Brasil. Resta saber se entre os judeus não inspiraria desconfiança um incircunciso e que de cul-

tura judaica conhece somente o termo "judiação", o verbo "judiar".

Culturalmente, estou mais perto da zabumba do que do concerto para violino

e orquestra que só conheci depois de adulto. Mas também morro por isso. Não tivesse tomado conhecimento da música erudita, sentiria uma falta imaginável, tanto quanto agora me seria impossível me imaginar na época anterior à alfabeti-

zação, sem ter aberto um livro, sem ter escrito uma linha, sem ter ouvido o rumorejo do carvão na tela.

Esse meio-termo se declara em tudo. Recusei me formar em Direito porque queria ser pintor é certo mas também para não terminar como guardador da lei feita na casa-grande, escravizando minha mente, embora não seja lá "essa coisa", ao sabor dos caprichos dos juizes venais, como dizia não um advogado frustrado mas o maior de todos, Cícero.

E mediante essa escolha me dou conta que sou mais senzala do que casa-grande, com uma vantagem qual seja a de estar desvencilhado de bens materiais de vulto que me tornassem dependente deles para obter lucros. De posses, somente a minha razão, o meu juízo, que procuro manter em bom estado. Ou médio.

JORNAL DE IDÉIAS

Publicação quinzenal da Comunigraf Editora

Editores: Carlos Garcia e Olbiano Silveira

Conselho Editorial Antônio Portela, Carlos Garcia, Marcelo Abreu e Olbiano Silveira.

Av. Visconde de Suassuna, 966 - Santo Amaro - Recife-PE • Fone/Fax: (81) 3421.5202 - CEP: 50050-540 • www.comunigraf.com.br • comunigraf@comunigraf.com.br

Priapesco Brasil

MARCELO ALCOFORADO

Publicitário

Nosso querido Brasil de hoje é mesmo superlativo. Em tudo. E a cada dia surgem para a comemoração nacional motivos nunca antes comemorados por nenhum outro governo. Agora, por exemplo, uma brasileira chamada Mônica Mattos acaba de ganhar o maior prêmio do cinema pornográfico mundial, uma espécie de Oscar, pelo seu magistral desempenho frente às câmeras. Será a estatueta representada por um falo? Dourado ou cor da pele?

Pois é, como costuma afirmar o presidente da República, nosso querido Brasil vive um

momento mágico. Basta dizer que, além da conquista do importante laurel pela nossa diva pornô, o Brasil é um dos maiores exportadores do mundo, não só de soja e carne bovina, mas, também, de carne humana em forma de sexo. Segundo um estudo do Fundo de População das Nações Unidas, setenta mil brasileiras trabalham mundo

afora — deitadas, sentadas ou, muitas vezes, de joelhos noite adentro —, um número superior aos 68.956 postos de trabalho gerados pela Petrobrás.,

Sem dúvida, o Brasil é um

sucesso. Não só quantitativa, mas qualitativamente. Na Europa, por exemplo, as brasileiras são as preferidas porque, segundo a clientela, são mais carinhosas do que as concorrentes do

Leste europeu, o que já dá uma idéia da competência tupiniquim. Será resultado dos ensinamentos providos pelo governo fe-

deral sobre a arte prostibular?

Saiba-se, contudo, que o mais recente exemplo da importância brasileira no setor tem nome e sobrenome sonoros: Andréia Schwartz, a cafetina brasi-

O Brasil é um dos maiores exportadores do mundo, não só de soja e carne bovina, mas, também, de carne humana em forma de sexo.

leira (ainda em forma para pegar no pesado, reconheça-se) que colaborou para a queda de Eliot Spitzer, o governador de Nova Iorque. Dona de um apartamento no Central Park e de muitos dólares no banco, segundo se diz, Andréia Schwartz promete processar a polícia novaiorquina. Poderosa, não?

A propósito, as coisas estão indo de vento em, digamos, popa. Tão bem, aliás, que, não será surpresa se um dia o governo, para tirar as garotas da informalidade, decidir criar uma estatal, uma Sexobras. Assim, sem acento agudo, como Petrobras, para facilitar a globalização da marca.

Pensando bem, nosso querido Brasil é f...

Literalmente.

Acabou-se o futebol

ANTONIO PORTELA

Jornalista

Primeiro, o óbvio: quando a televisão oficial passou, semanas atrás, numa tarde de trabalho de uma quarta-feira de março, perto de 50 anos depois da inesquecível final de 1958, em Estocolmo, uma partidinha caça-níqueis (bota níquel nisso!) entre as seleções do Brasil e da Suécia — isso em Londres, no novo Wembley —, mal os brasileiros se preocuparam com o fato, de tão banal.

Eu vi uma parte do jogo e cochilei na poltrona, tão sem graça era a coisa, uma pantomima sem alma nem propósito. Nem cheguei a saber (só mais tarde) que Alexandre Pato havia marcado “nosso” único gol (belíssimo, aliás), o da vitória. E aqui aspeei o “nosso” porque não estava vendo a “nossa” seleção jogar nem era o jovem ídolo do Milan, Pato, “nosso” menino-prodígio.

Em junho de 1958, quando o Brasil goleou por 5x2 a Suécia na final da Copa do Mundo, ganhando pela primeira vez o título de campeão mundial de

futebol, eu e o Brasil inteiro colávamos o ouvido no rádio, vibrando a cada gol de Vavá, de Pelé, de Zagallo. É verdade que um amistosinho como esse de que falei agora não tem nem comparação com aquela decisão histórica, mas mesmo assim está na cara que hoje as coisas se inverteram.

Dito o óbvio, ou seja, que os tempos mudaram, me vem a pergunta: que se passou com o futebol, o brasileiro e o internacional?

Para a resposta, recorro a recente artigo (“Pátria sem chuteiras”), publicado no *Le Monde Diplomatique*, no qual os autores, Tiago Soares e Rafael Evangelista, citam o historiador inglês Eric Hobsbawm:

“Como outros teóricos do Estado-Nação — dizem os autores do texto, interpretando Hobsbawm —, o historiador percebe a identidade nacional não como algo dado, fixo por fronteiras geográficas. A nação é uma comunidade imaginada, uma ligação entre pessoas que

se estrutura materialmente na história coletiva, mas se cristaliza na cultura e no sentimento de que todos têm algo em comum”.

E completam, lúcidos:

“São os clubes que hoje estão na periferia do futebol que produzem ou garimpam os talentos. Os mesmos que empobrecem progressivamente e cuja ligação simbólica com o torcedor diminui. É a mesma situa-

ção das seleções nacionais, formadas, hoje, por cidadãos com dupla nacionalidade ou por pessoas que já passaram mais da

metade de suas vidas adultas vivendo no exterior. E nações, como o próprio Brasil, que têm no futebol uma das pedras fundamentais de sua identidade, deixam de se sentir representadas por aqueles onze de chuteiras”.

Pois é, eu próprio não me sinto nada representado por Patos, Ronaldinhos Gaúchos e Kakás, embora muito os admire atuando em suas equipes europeias, europeus que hoje são.

E me vem a pergunta: que se passou com o futebol, o brasileiro e o internacional?

Pensamento

RENÉ DESCARTES

(1956-1650)

Que sou, afinal? Uma coisa que pensa. E o que é uma coisa que pensa?

Idéia

MIGUEL DE UNAMUNO

(1864-1936)

A maior parte daqueles que pensam em mudar de idéia nunca teve nenhuma.

Vida

WILLIAM SHAKESPEARE

(1564-1616)

A vida é enfadonha como uma história contada duas vezes.

Religião

GEORGE BERNARD SHAW

(1856-1950)

Há uma única religião, embora haja centenas de versões dela.

O inferno é aqui

GENTIL PORTO

Médico e escritor

Geena era o vale do Hinon a sudoeste de Jerusalém. Seu nome vem de duas palavras hebraicas, *gai* e *Hinon* significando "Vale do Hinon". Sacrifícios de crianças, chamados "culto a Moloc" foram realizados nesse vale. A lembrança desses hediondos acontecimentos fez com o vale se transformasse num símbolo de castigo aos condenados. Geena tornou-se sinônimo de "inferno" na tradição judaica, muçulmana e cristã.

Nos meus tempos de criança, na cidade de Caruaru onde vivi, eu era constantemente atormentado pela visão do inferno, com os "seiscentos mil diabos", e seus espetos ao redor de caldeirões ferventes onde iríamos parar caso não cumpríssemos as normas da Igreja Católica, Apostólica e Romana.

No Brejo da Madre de Deus onde nasci, o Pe. Duarte subia

ao púlpito para ameaçar com o fogo eterno as moças que começavam a encurtar os cabelos. Também entravam nas ameaças aqueles que depois de "comerem despidoradamente" arrotavam e diziam "comi que só a mãe do padre".

Vindo estudar no Recife, aprendi a visitar exposições e consultar livros de arte. Lá estava B e l z e b u "atentando" os pobres mortais.

Bem, dia desses recebo um aviso-cobrança de um plano de saúde paraestatal, ameaçando colocar minha mãe no Serasa. Fui ao indigitado lugar de onde partiu o aviso e avisei que minha mãe recentemente falecida não precisava mais de plano de saúde. Não adiantou por normas burocráticas; existia um re-

síduo a pagar. Para evitar maiores confusões entrei numa fila onde, depois de longa espera, o balconista avisa que o "sistema estava fora do ar" e que o pagamento só podia ser em dinheiro e não com cartão de débito. Fui a uma caixa eletrônico vizinho que se encontrava quebrado. Tomei o meu carro e dirigi-me então a uma agência bancária onde a fila dos idosos

não era tão idosa. Efetuei o pagamento e enfim respirei aliviado. Aliviado uma ova! Dias depois chega outro aviso com as malfadadas ameaças. Volto ao lugar onde tudo começou, mostro o atestado de óbito da minha mãe e o recibo do pagamento efetuado e recebo a desculpa esfarrapada de que o sistema não tinha processado a informação.

Finalmente, consegui o apoio de alguém "influente" que mandou processar a maldita informação.

Mas dia desses também uma companhia aérea que se diz inteligente coloca um único funcionário para atender aos idosos e vários para atenderem os mais jovens. Resultado: os velhinhos que se danem nas filas. Por fim, referenciar que uma rede de supermercados que se arroga de ter o preço bom, tem como norma colocar o caixa de idosos a funcionar depois dos outros e fechar antes. Bingo, mais fila para os velhinhos. A relação de fatos semelhantes é tão grande que seria cansativo enumerá-los.

E à guisa de despedida lembrar que você é torpedeado telefonicamente dia e noite por consultores e consultoras que querem a todo custo lhe empurrar produtos e serviços ou então apelar para o exercício da caridade forçada. Por essas e outra hoje em dia penso que o Geena é por aqui mesmo, nessa "mui leal cidade maurícia".

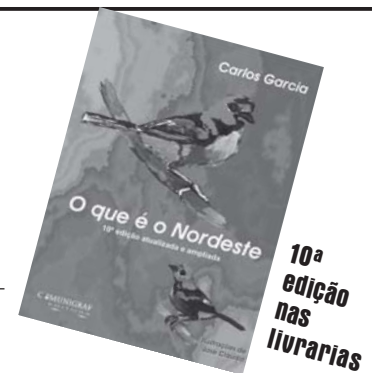
Você é torpedeado dia e noite por consultores e consultoras que querem a todo custo lhe empurrar produtos e serviços ou então apelar para o exercício da caridade forçada.

SAIBA ONDE VOCÊ VIVE

Em linguagem simples, o jornalista Carlos Garcia resume a realidade da Região. Um livro de grande valia para os estudantes de segundo grau e nível superior, cheio de informações objetivas dessa parte importante do Brasil.

COMUNIGRAF
EDITORA

Av. Visconde de Suassuna, 966 - Santo Amaro - Recife-PE
e-mail: comunigraf@comunigraf.com.br



unipauta

formulários Ltda.



A Unipauta Formulários se integra no contexto das maiores empresas do ramo no nordeste. Por isso podemos lhe oferecer um serviço de primeiro mundo, desenvolvido com a mais recente tecnologia do mercado gráfico.

Notas Fiscais, Bobinas Termicas, Recibos de Pagamentos, Impressos de Seguranças, etc.

RUA VALDEMAR PAULINO DOS SANTOS, 54 A - VARADOURO - OLINDA - PE - PABX (81) 2123.1212
EMAIL: unipauta@unipauta.com.br

Os patrões nunca tiveram um presidente tão aliado

SÉRGIO AUGUSTO SILVEIRA

Jornalista

Nem as maiores vozes patronais, ao longo do século 20, conseguiram proferir uma frase tão doce aos ouvidos dos donos do capital brasileiro. No final do ano passado, o presidente da República, senhor Luiz Inácio Lula da Silva (para essa circunstância, tratemo-lo assim) afirmou, com todos os esses da língua presa, que é necessário, sim, que os banqueiros tenham altos lucros, pois esse é o caminho da oferta de empregos e morte da inflação.

A afirmativa – aliada à forma de “distribuição” de renda via bolsas e não via bofetadas – foi a mais clara confissão pró-capitalismo. Nem mesmo as vozes mais acesas do anticomunismo no século 20, a exemplo do governador carioca Carlos Lacerda (que foi do Partido Comunista), conseguiram escancarar a tal ponto essa posição.

E, agora, uma afirmativa do

vice-presidente da República, o senhor empresário José Alencar, chega aos ouvidos da nação como uma espécie de agradecimento ao senhor presidente brasileiro, quando disse merecer, este, mais um mandato. O vice não está falando sozinho neste momento, mas expressando,

sim, a satisfação de sua classe social com o modelo econômico presente, o qual definiu-se claramente com o segundo mandato do petista no Palácio do Planalto.

Não estamos fazendo essas colocações por achar que, por suas origens, o presidente Lula deveria fazer, por coerência de classe, exatamente o contrário, ou seja, atazanar e desapropriar o patronato do Brasil. Nada disso. Estamos, sim, constatando, na prática do dia-a-dia, o governo do ex-operário petista

colocar nos arquivos do passado a fórmula pregada anteriormente, pela qual a transformação das estruturas política, social e econômica do país só aconteceriam com a negação (superação) das relações de trabalho capitalistas.

Ao ouvirmos aquela recente

afirmação do vice-presidente José Alencar, lembramo-nos de que ele, em pessoa, já revelava – integrando a chapa do candidato Lula – a toma-

da de outro rumo por parte do Partido dos Trabalhadores no poder máximo da República. Qualquer observador mediano da política brasileira já sentia que o discurso petista seria negado no comando do Executivo.

Para corroborar esse rumo ao longo deste segundo mandato, surgem diante do país os números de pesquisas sociais

dando conta de que o perfil da sociedade brasileira não se mostra estático, imutável. Os índices revelam que está havendo uma dinâmica, uma mobilização das condições sociais, com a diminuição – mesmo pequena que seja – da população abaixo da faixa de pobreza. Outro dado, que faz o vice-presidente proclamar, em alto e bom som, a continuidade de Lula no governo, é o aumento do consumo por parte das camadas mais amplas da população.

Para Alencar – exemplo de empresário bem-sucedido – e para o patronato em geral, essa caminhada está fazendo com que este país enterre para sempre aquele fantasma dos tempos em que prevaleciam a polarização e o confronto ideológicos. Mesmo levando em conta os beijinhos e abraços trocados entre o presidente brasileiro e seus vizinhos indígenas e bolivarianos. Essas cenas, para os donos da grana, são como pinturas colocadas na parede, ao lado dos arquivos do passado.

Nem as maiores vozes patronais, ao longo do século 20, conseguiram proferir uma frase tão doce aos ouvidos dos donos do capital brasileiro.

Pela preservação do “eu”

GEÓRGIA ALVES

Jornalista

Que prejuízo a “clonagem” de um simples número de celular! E do cartão do banco? Melhor nem lembrar a confusão de artigos, estudos e a polêmica quando o assunto é reprodução de seres humanos idênticos. Sabe o que é pior? O problema não se encerra na cópia de uma combinação genética.

É, prezad@s. Tem quem se ocupe em “clonar” a vida dos outros. Não me refiro aos distintos que – singelamente – usam produtos do BB Brasil. Falo de uma prática que você, que reconhece, se arrepiou todo (ou toda) ao lembrar. Aliás, aposto, faz qualquer negócio para esquecer o dia em que lhe escolheram para tanto! Algo que pode começar, perfeitamente, com um “despretensioso olhar de admiração”. Aspas e mais aspas. Figa, esconjuro, bate na madeira três vezes. Ô sensação ruim!

Repare que a criatura – com

passagem de ida, sem volta, e cadeira cativa, ao reino do senhor impronunciável –, está sempre cheia de “boas intenções”... A completa falta de amor próprio (que diabo é isso? pergunta) ou noção de limites faz

de s c a m b a r numa permanente “ocupação” da vida do outro. Uma das manias é inventar vírus de computador e enviá-los para caixas postais. Loucas pelo “re p e r t ó r i o” (pessoal ou financeiro) dos escolhidos.

Alteridade é palavra que esse exército de usurpadores desconhece. Explica-nos o prestativo Antônio Houaiss: qualidade do que é do outro, ou diversidade. Isso! É isso! Não serve qualidade assim numa terra de narcisismos. É contraditório, e impossível para essa turma – que não é do Pererê – compreender que

há o direito de ser o outro e ser diferente dele. Que há o que está nele e o que está no outro. E que o único modo de ser feliz é “cada qual com seu cada qual”.

Conselho: “Não estressa, camarada!”, explica uma profes-

sa do primeiro ciclo, conhecida minha. E avisa: “Até as crianças vêm para a escola com o desejo de meter a mão na cumbuca do outro, quando têm pais assim”.

Eu sei, eu sei, é difícil enxergar essa linha tênue que existe entre o meu e o seu. Eu sei, eu sei, desde a colonização, povos com mais oportunidades confundem limites e projetam utopias, desconhecendo espaços e individualidades. A desculpa não serve. Existe o “eu” e o “tu”. E não ficou bonito fazer só porque todo mundo faz... Acredite, nem todo mundo é igual a você. Ahã...

Até as crianças vão para a escola com o desejo de meter a mão na cumbuca do outro. É difícil enxergar essa linha tênue que existe entre o meu e o seu.

Barbárie é isso mesmo?

WALTER DA SILVA

Professor universitário

O século 21 começou e tem-se a sensação de que ainda se vivem os vícios e mazelas do anterior. Para os mais exigentes, o século 20 não teria ainda sequer baixado o pano final. O quadro e cenários socioeconômico-políticos são os mesmos, em maior ou menor grau, variando de continente para continente e mantendo o mesmo naipe: o resultante humano é único, irretratável, inamovível.

A julgar pelo que nos registra a História, o homem não foi nem provavelmente será essa flor que se cheire. De Demócrito até nossos dias, julga que se conhece muito, mas não o bastante sobre si mesmo, e, contraditoriamente, mercê do seu desdém pela natureza, com a qual não faz nenhum contraste, mas uma relação interdependente.

Nas caminhadas que pratico pelas manhãs, há bastante tempo, ininterruptamente, venho observando o mesmo fenômeno: o lixo orgânico e inorgânico mal selecionado, jogado aos

monturos, sobre um gasoduto administrado pela Transpetro, subsidiária da Petrobras. O município é Camarajibe (com “jota”, sim) região oeste de Pernambuco, sobre uma serra de 135 metros de altitude, de clima, solo e temperaturas suportáveis no verão e agradáveis no inverno.

A essa região, caracterizada pela beleza incomparável da mata atlântica, convencionou-se denominar Aldeia, embora eu desde sempre impliquei que o termo é apenas um estado de espírito. Se inicia no Curado e termina no município de Abreu e Lima, salvo equívoco territorial. Pois muito bem, é nesse suposto “paraíso”, onde habitam mais de 15 mil pessoas, com um corte populacional que começa na classe média e desemboca nas classes C e D.

Ressalte-se que a grande falácia é que, em Aldeia, só mora

“barão”, na linguagem simples do nativo dali. Repito, trata-se de uma grande falácia. Nós, que para lá fomos faz mais de 30 anos, em verdade “invadimos” negocialmente as áreas supostamente devolutas de suseranias de famílias tradicionais que ali se incorporaram, numa época em que lá subsistiam granjas de aves e ovos. Ninguém, de

sã consciência e senso prático, se negaria a salvar o planeta. Mas fico pasmo em presenciar pessoas de classe média alta jogando lixo sobre um gasoduto, apesar

de ler uma placa esclarecendo: “Faixa de domínio de duto, não jogue lixo nem entulhos”. O pior analfabeto é o que se recusa a ler. Outro aspecto curioso é que tenho certeza de que se trata de pessoas ditas instruídas, informadas e que provavelmente ligam a TV para ouvir falar sobre meio ambiente, nos noticiários. Particularmente, liguei várias vezes para o 0800 da Pe-

trobras e denunciei o problema. E, em defesa dessa empresa, sou testemunha de que as placas estão lá, em bom português, cor amarela e em local bem visível. Há coleta de lixo, nas terças, quintas e sábados, em horários variados. Mas há. O que falta, talvez, seja um pouquinho mais de sensibilidade ao problema do lixo seletivo, mormente quando se trata de moradores eventuais, hebdomadários. À medida que o século vai começando sua primeira infância, o homem, esse animal predatório, privilegia outro reino, o dos céus, sem se dar conta de que nos reinos vegetal, animal e mineral é onde efetivamente repousa sua sobrevivência efêmera, mas inevitável. E, finalizando, nos perguntaríamos: quantos metros faltam de distância para atingir a barbárie?

Infelizmente, tenho que registrar meu inconfessável desprezo quando visualizo, num vidro de automóvel, um dístico assim: “Não sou dono do mundo, mas sou filho do dono”. A que dono mesmo essas pessoas estão se referindo? Ao inventor da barbárie ou ao projetista de filhos insensíveis?

Fico pasmo em ver a classe média alta jogando lixo sobre um gasoduto, apesar da placa esclarecendo: “Faixa de domínio de duto, não jogue lixo nem entulhos”.

Vamos combater os xenófilos?

OLBIANO SILVEIRA

Jornalista

RedeTV!News, Globo news, Bandnews, Manhattan Connection... Querem mais? Não vou dizer mais, pois os amigos leitores sabem muito bem até onde vai a xenomania assassina do nosso idioma. Pra onde a gente se vira está lá a agressão à nossa identidade cultural, os estrangeirismos sem razão de ser. Por que será? Se usássemos apenas um tantinho do nosso riquíssimo vocabulário seria o bastante para dizer tudo e mais alguma coisa.

Não dá pra sacar a quem interessa tanta agressão à nossa identidade cultural mais consistente. A mania – ou não será mania? – de usar termos estrangeiros no nosso dia-a-dia é de tal ordem que se não houver um basta, logo, logo teremos dificuldade de comunicação até com o pessoal de casa, em nos-

so quintal. Sim, porque as crianças e os adolescentes, involuntariamente, trazem pra sua cozinha os “fashion”, os “high tech”, os “feedback” ou os “upgrade” que lhes passam na sala de aula, na lanchonete nas festinhas.

Que fazer pra estancar isso? Não é fácil. A começar porque a grande imprensa – as poderosas cadeias de rádio e TV – é a maior predadora. Os programas televisivos dirigidos à juventude e até mesmo as entrevistas sérias vêm carregados de palavrões estrangeiros com a maior naturalidade. Às vezes – pasmem – até mesmo o sujeito ou a sujeita que está soltando frases no rádio e na TV não sabe exatamente o significado das palavras

(em inglês, francês, italiano, português...) arremessadas em direção a nós, de casa.

Será que entre nós ninguém jamais tentou dar um chega pra lá nos estrangeirismos? Tentou, sim. Todos conhecemos

o deputado Aldo Rebelo, aquele que até bem pouco foi presidente da Câmara Federal. Ele, felizmente, não está do lado daqueles habituados aos “cases”, aos “benchmark” e aos “upgrades”.

Para provar sua inconformidade com a violência contra nossa identidade cultural de que vimos sendo vítimas há décadas, Rebelo apresentou um projeto com a intenção de dar um tranco na gangue da xenofilia.

Sabem no que deu? O projeto está em seu décimo aniversário,

Alguém aí me ajudaria a descobrir quem são os bandidos desocupados ou assoberbados com a missão de conspirar contra o português?

sário, tramitando na Câmara. Mas há esperanças: o deputado deu entrevista recentemente dizendo que o projeto “já está na Comissão de Constituição e Justiça”. Ora, pois não. Faz dez anos que o autor encaminhou a proposta e agora “já está na Comissão de Constituição e Justiça”. Dá pra raciocinar em cima disso?

Dez anos, gente!

É bom poder imaginar que, em pouco tempo, sei lá quanto, seremos premiados com a aprovação do projeto. A não ser que haja mesmo alguém interessado em dificultar, em criar embaraço ao nosso defeito de usar a língua pátria sem a infecção xenofílica.

O diabo é que não dá pra imaginar quem seja o defensor – ou defensores – da avacalhada do nosso tão belo idioma.

Alguém aí me ajudaria a descobrir quem são os bandidos desocupados ou assoberbados com a missão de conspirar contra o português?

1964: golpe também na poesia

MARCELO MÁRIO DE MELO

Jornalista

Além de antidemocrático, antipopular e antinacional, o golpe de 1964 foi também antipoético. No dia primeiro de abril vi tombar na passeata, atingido por tiros de mosquetão, o companheiro Jonas Barros, cantando o Hino Nacional. Jovem militante comunista do Colégio Estadual de Pernambuco, Jonas escrevia poemas de muita sensibilidade e leveza. Também foram fuzilados Ivan Aguiar, comunista de Palmares e aprovado no vestibular para engenharia, um homem e uma mulher não identificados. A bandeira nacional restou no chão enxovalhada, escapando das mãos do estudante de jornalismo Ivanildo Sampaio, na correria com os manifestantes para escapar das balas.

Os poetas Ângelo Monteiro e Albérgio Maia de Farias, que tinha 16 anos, foram presos no Dops. Um dia, Albérgio foi comigo à Galeria de Arte, localizada numa estrutura de cimento construída sobre o Rio Capibaribe, em frente aos Correios. Emocionado, deixou pregado na parede um poema de homenagem a Jonas – habituê daquele espaço – que começava assim: "Na galeria de arte/há um banco de saudade/e há gestos de futuro/quebrando a serenidade."

Para comemorar a libertação de Newton Farias, militante bancário, irmão de Albérgio, foi marcada uma farra secreta nos fundos da venda do Velho Pires, no bairro da Soledade. Entre cervejas, canções e poemas, Rui Alencar sentenciou: "As noites de sábado dos poetas/alimentam a resistência dos patriotas."

Estudantes de esquerda faziam o jornal *O Secundarista*, com boa tiragem e impresso em cores, idealizado e articulado por José Fortuna de Melo, meu irmão, o meu nome constando como secretário, editado por Rômulo Lins, onde publicavam poemas Albérgio Maia de Farias, Ângelo Monteiro, Marcus Ac

cioly, Anamárcia Veinsenh, Luis Carlos Duarte, Rômulo Lins, Diógenes Caldas e outros. O jornal não pôde mais ser editado e os seus responsáveis e colaboradores que não foram presos tiveram de se esconder da repressão ou calar a voz.

Ângelo Monteiro incorporou-se às atividades políticas da esquerda e desenvolveu uma intensa militância estudantil,

marcada pela declamação de poemas desse teor: "E os verdadeiros cristãos/de fé robusta e viril/ com o cano do seu fuzil/farão o sinal da cruz". Também fazia longos discursos previamente decorados: "Como católico, ouço a voz de Sua Santidade, o papa. Como revolucionário, ouço a voz de sua Santidade o povo." Alberto Cunha Melo e Jaci Bezerra acompanhavam a esquerda nas disputas estudantis. Depois do golpe, Jaci

editou e distribuiu no Colégio Estadual de Pernambuco um jornal mimeografado intitulado *Letras*.

Um subproduto poético publicado no Suplemente Literário do *Diário de Pernambuco*, em 1965, foi objeto de gozação de

Stanislaw Ponte Preta na sua coluna na *Última Hora* do Rio. Era um longo texto do tenente-coronel Dácio Vassimon, chefe do estado-maior do IV Exército, louvando a Cruzada Democrática Feminina com coisas assim: "Pelos ruas do Recife desfilaro/a corja comunista desacata/sem temer uma bala ou um sopapo/a lembrar o que foi Teju cupapo". Nas citações que fez,

No dia primeiro de abril vi tombar na passeata, atingido por tiros de mosquetão, o companheiro Jonas Barros, cantando o Hino Nacional. Jonas escrevia poemas de muita sensibilidade e leveza.

Um novo Queremismo

CARLOS GARCIA

Jornalista

Tudo indica que está em andamento na política brasileira um velho recurso dos candidatos a caudilho: a destruição dos possíveis sucessores, para então surgir o caudilho "como única solução para o país".

É uma velha técnica que foi usada no Brasil pela última vez em 1945. Naquele ano, derrotados os fascistas na Europa, os cupinchas do ditador Getúlio lançaram o movimento de "Getúlio com democracia". Era o chamado Queremismo, que conquistou muitos adeptos entre os

pelegos que viviam como sanguessugas dos sindicatos. Não deu certo, como se sabe. Os ideais democráticos triunfaram.

Naquela época não havia nos quadros getulistas ninguém com carisma, popularidade, competência para vencer uma eleição livre. Getúlio, como todo caudilho que se preza, havia se descartado de

qu a l q u e r "sombra". Exatamente como hoje se comporta o presidente Lula. Todos os possíveis sucessores dentro do seu partido foram destruídos ou se destruíram por si mesmos em sucessi-

vos escândalos. Restam nomes de outros partidos – Aécio Neves ou Ciro Gomes, por exemplo – mas os petistas não aceitam ninguém que não seja do próprio partido. Então, que seja Lula o candidato! Que se faça uma reforma política, que se promova um plebiscito, que se ultrapasse o bom senso e se dê um terceiro mandato a

Lula, mas que não se perca a "boquinha", que continuem os mensalões, que se preservem os cartões corporativos, que continuem existindo cooperativas habitacionais como a dos bancários de São Paulo, que

Na onda do Queremismo, até o ingênuo José Alencar entrou.

Stanislaw não se referiu a versos: falou em pedaços.

Na clandestinidade, de vez em quando eu me lembrava da tirada de Rui Alencar sobre as noites de sábado dos poetas. De março de 71 a abril de 79 foram oito anos, 43 dias e 19 horas de prisão e poesia, entre a Casa de Detenção do Recife e a Penitenciária Professor Barreto Campeolo, em Itamaracá. Perdi nos aparelhos clandestinos e nas fugas um volume datilografado com todos os meus textos. A partir daí, passei a decorá-los.

Também escreviam poemas na prisão Chico de Assis, Juliano Siqueira (RN) e Cláudio Gurgel (RN), Chico Passeata (CE), Severino Quirino (o Poeta da Fome, de Caruaru) e Antônio Ricardo Braz, cirandeiro de Timbaúba. Recebi livros de Ângelo Monteiro e Luis Carlos Duarte, que ainda conservo. Minha obra completa de Castro Alves foi apreendida pelo major diretor da penitenciária, junto ao *Aprendiz de Crítica*, de Joel Pontes, e centenas de livros foram subtraídos dos presos políticos e revendidos em sebos. Contrabandamos por partes o *Poema Sujo*, de Ferreira Gullar, cuja leitura me fez subir um degrau na tabela do exercício físico.

Virando a página, o *Os Quatro Pés da Mesa Posta*, publicado pelas Edições Pirata em 1980, foi uma amostra de 38 dos meus poemas carcerários.

prossiga a farra da compra de ambulâncias, tudo vale contanto que o poder seja mantido em mãos dos petistas, "os únicos puros entre os políticos brasileiros"!

Na onda do Queremismo, até o ingênuo José Alencar entrou. Também não quer perder as mordomias que o cargo de vice-presidente propicia. A situação do país nas áreas da saúde, da educação, das rodovias... tudo isso é secundário. Basta enganar o povo dizendo que é tudo "herança maldita". O importante é manter o poder. O povo – ah, o povo! – a esse se dá uma bolsa qualquer, se lhe mata a fome, se adia o problema e pronto.

Mudaram... ou mudamos nós?

EDSON ARRUDA CÂMARA

Juiz aposentado

Ufanista do fato de haver nascido em uma época historicamente rica (mérito de meus pais, de Deus, sei lá... não meu!), nascido em 1937, vivi toda a Segunda Grande Guerra Mundial, desde os inflamados discursos de Hitler nas cervejarias de Munique, da invasão do “corredor polonês”, de toda a louca aventura em prol de um mundo ariano (pra mim, ariano só o Suassuna – e basta!), da formação do “Eixo” da reação americana, de Pearl Harbor, de Hiroshima e de Nagasaki, do ódio pelo nacional socialismo do Fuehrer – que me foi infundido pelos “Gibis” publicados pelos sindicatos americanos e que ajudaram a moldar o caráter dessa geração à qual pertenço e de onde não emergem os “babacas” neo-nazistas, esses “skin-heads de m—”, esses cérebros diarréicos...; vivi tudo isso até chegarmos ao glorioso 8 de maio de 1945, com a integral capitulação do “Eixo” e a

restituição da paz ao mundo, apesar da guerra fria”, da ereção (“ereção”?! do muro de Berlim e de outros tipos de “zorras” que foram surgindo e se sucedendo até o aporte final nestes dias inaugurais de século 21.

Nos anos 50, nova cultura, a da música francesa, em transmissões diárias pela Rádio Ministério da Educação (RJ) onde eu ouvia o lirismo de Trenet, de Chevalier, de Piaf, enquanto me iniciava na língua de Pascal e de La Fontaine, na 1ª. do ginásio, no saudoso Ginásio Republicano. Em 1953 uma nova paixão surge em minha vida: os aviões, o início de vida militar. Naquela época (16 anos) “babava” diante de um “Fairchild PT19” e do “North American”, o velho T-6 que me esperaria mais adiante: ainda na

lembança, os P-40 que fizeram a glória do “Senta a Pua” nos céus da Itália. Nesse período, apesar de militar, engajei-me ao universo de cabeludos, enlouquecidos pelo rock’n’roll !...

Chega-nos, um dia, oportunisticamente, o 31 de março (ou 1º. de abril ?!) de 1964 e o Brasil arrasta, a partir daí, 21 anos de ditadura militar, quando sequer nos havíamos desvencilhado da ditadura Vargas. Até que o poder (os militares não agüentavam mais a “batata quente”) seria devolvido à incompetência dos civis e a Nação emergiria de um tipo de trevas, imergindo em outro – com Sarney, Collor e seguintes, culminando com a “era da corrupção” desenfreada, encabeçada pelo governo PT de Lula, essa antavaldosa...

Olho para trás e vejo que tudo mudou, mas, na dúvida, me pergunto: ou mudamos nós?! Um olhar furtivo voltado para os anos sessenta (1964 ... 1968) me leva a vislumbrar “preceptores olivas” a perseguir pseudo-comunistas e nobres “cabeleiras”, aqueles recitando Marx, Engels e Lênin, como numa misteriosa novena, estes com os Beatles dominando suas cabeças, ouvindo guitarras que nem sonhavam ser elétricas... ou aquele som que insiste em ser psicodélico e nos faz poderosos numa festa! Hoje, total mudança física das coisas – sendo sua essência transcendental imutável, e insiste ser a mesma, enquanto nós outros insistimos em mudar, em câmbios irrefutáveis, mesmo quando, em nossa teima surda e absurda, dizemos vitoriosos que “se uso o cabelo longo é porque quero e porque posso”... Mas a vida não se resume a uma mera cabeleira alongada, sim a posturas, sérias, indignadas e honestas, que, para desespero de muitos, nos mostram como ferrenhos cidadãos!

Um olhar furtivo nos anos sessenta (1964 ... 1968) me leva a vislumbrar “preceptores olivas” a perseguir pseudo-comunistas e nobres “cabeleiras”, aqueles recitando Marx, Engels e Lênin.

Sobre saqueadores e como combatê-los

PEDRO EUGÊNIO

Economista e deputado (PT-PE)

Li o artigo de Olbiano Silveira sobre a farra dos cartões corporativos e, pela abordagem, lembrei-me da história do sofá, tão conhecida: consumada a traição no sofá, joga-se o dito fora e vai-se em frente. Se é detectado uso incorreto nos cartões, então, acabe-se com eles e... bem, fazer-se o quê?

Entendo que este país chamado Brasil precisa avançar muito em diversas áreas. Mas, se formos por partes e se escolhermos a questão dos gastos públicos, teremos, se quisermos tratar o assunto com isenção e sem paixões ideológicas, começar reconhecendo que qualquer setor público necessita de realizar as chamadas pequenas despesas.

Aceitando-se esta premissa – haverá quem não aceite a existência do Estado, querendo regressar às priscas eras tribais – teremos de enfrentar a questão seguinte, que é a de como estas

tais pequenas e necessárias despesas devem ser pagas. Estamos falando do táxi que o boy precisa pagar para levar a tempo um documento importante; do pagamento do almoço que o secretário ou o ministro obrigado, por suas funções, a oferecer ao dignitário estrangeiro, em retribuição ao almoço que ele lhe ofereceu na véspera, e assim por diante. Mais uma vez haverá quem lembre que para tudo deve haver licitação:

que deveria ser licitada uma empresa de táxi para oferecer o serviço permanentemente (mas como, se o preço é tabelado e corre no taxímetro?); que deveria ser licitado um restaurante para as tais ocasiões (mas como, se o restaurante ganhador for uma churrascaria e o tal dignitário só come peixe?); talvez de-

vêssemos, neste caso, lançar tantas licitações quantos tipos de especialidades culinárias: uma para comida chinesa, outra para japonesa, outra para churrascos, outra para peixes etc., etc.

É óbvio que, se estamos discutindo seriamente o aperfeiço-

amento do setor estatal brasileiro, devemos reconhecer que certas despesas, por sua natureza, pequena monta e impossibilidade prática de se enquadrar em licitações, ainda assim precisam

ser feitas.

Como o governo federal vinha tratando estas questões? Até um certo tempo atrás o instrumento eram os adiantamentos - contas tipo B -, em dinheiro, sacados de contas especificamente criadas para este fim. Com este dinheiro, o funcionário Fulano realizava despesas de pe-

queno porte e prestava contas, anexando as notas fiscais. Tudo ia compor as prestações de contas do órgão público. Neste caso, a transparência é pouca, pois só auditando as despesas caso a caso para saber o que aconteceu.

A partir de 1998, entretanto, teve início o uso dos cartões corporativos. Os gastos com cartões ficam registrados nas maquininhas e vão para o extrato de despesas do funcionário e daí para o Portal da Transparência, o que é impossível de acontecer com os adiantamentos!

E então? Então, por favor, não joguem fora o sofá! Se houver quem dele tenha feito mau uso (estou falando agora do cartão) em despesas não enquadráveis, ou ainda, como entendo, se as regras de utilização não estavam bem definidas, que sejam feitas as correções devidas. E que se faça bom uso do instrumento ao invés de nos obrigar a retornar aos tempos obscuros das contas B!

Em tempo: o autor não tem cartão corporativo.

Os gastos com cartões ficam registrados nas maquininhas e vão para o extrato de despesas do funcionário e daí para o Portal da Transparência, o que é impossível de acontecer com os adiantamentos.